

Emojis, práticas sexuais e interseccionalidades: análise das interações no Grindr entre HSH no Nordeste brasileiro

Cristóvão Alves de Souza Filho¹
Leogildo Alves Freires²
Heitor Marinho da Silva Araújo³
Eduardo Weslley Marcolino da Silva⁴
Layrthon Carlos de Oliveira Santos⁵
Rodolfo Duarte da Silva⁶

Resumo: Desde sua criação em 2009, o ambiente virtual do Grindr tem se mostrado fértil para o estudo das interações sociais entre o público LGBTQIAPNb+, especialmente entre homens gays, bissexuais e outros homens que fazem sexo com homens (HSH). Este estudo analisa o uso de emojis nas interações desses usuários, com o objetivo de compreender como essas representações comunicam e modelam as práticas sexuais e de cuidado. A coleta de dados foi realizada por meio de uma roda de conversa *online* com seis usuários, recrutados por amostragem bola de neve. Os dados foram transcritos e analisados com o auxílio do software Iramuteq, resultando em um *corpus* textual que revelou temas centrais sobre posições sexuais, expressões de gênero, práticas sexuais, uso de substâncias e exclusão étnico-racial. Os achados indicam que, embora o aplicativo se apresente como um espaço seguro, muitos usuários relatam experiências marcadas por

¹ Mestre em Psicologia e Psicólogo pela Universidade Federal de Alagoas. Membro do Laboratório Alagoano de Psicometria e Avaliação Psicológica (LAPAP/UFAL). Email: cristovaofh@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9570267551439209>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-8222-3500>.

² Professor do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas. Doutor, Mestre em Psicologia Social e Psicólogo pela Universidade Federal da Paraíba. Especialista em Avaliação Psicológica reconhecido pelo Conselho Federal de Psicologia. Coordenador do Laboratório Alagoano de Psicometria e Avaliação Psicológica (LAPAP/UFAL). Email: leogildo.freires@ip.ufal.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3579221899361775>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5149-2648>.

³ Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia. Mestre em Psicologia Social e Psicólogo pela Universidade Federal da Paraíba. Membro do Laboratório Alagoano de Psicometria e Avaliação Psicológica (LAPAP/UFAL). Email: heitormrnh@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5421768129467206>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7245-9679>.

⁴ Mestrando em Psicologia e Psicólogo pela Universidade Federal de Alagoas. Membro do Laboratório Alagoano de Psicometria e Avaliação Psicológica (LAPAP/UFAL). Email: eduardo.marcolino@arapiraca.ufal.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9445920878720522>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-0539-5258>.

⁵ Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco. Doutor, Mestre em Psicologia Social e Psicólogo pela Universidade Federal da Paraíba. Email: layrthon.oliveira@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8074375343209283>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9061-4879>.

⁶ Mestrando em Psicologia e Psicólogo pela Universidade Federal de Alagoas. Membro do Laboratório Alagoano de Psicometria e Avaliação Psicológica (LAPAP/UFAL). Email: rodolfo.silva@ip.ufal.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9043077229286162>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3508-5740>.

racismo, hostilidade e exclusão. A análise evidenciou que os emojis, além da comunicação, também funcionam como dispositivos de poder, condensando discursos e práticas sociais que delimitam quem é aceito e quem é excluído. Em conclusão, o estudo aponta que a separação entre as esferas real e virtual é ilusória, revelando como experiências *online* são marcadas por processos sociais já presentes no cotidiano. Por fim, o estudo reforça a urgência de repensar as interações *online* e desenvolver políticas públicas e estratégias de saúde sexual e cuidado que considerem interseccionalidades.

Palavras-chave: HSH. Grindr. Emojis. Saúde sexual. Interseccionalidade.

Introdução

Desde seu surgimento em 2009, o aplicativo Grindr consolidou-se como ambiente sociodigital relevante para investigações sobre dinâmicas de interação entre populações LGBTQIAPNb+, com ênfase em homens gays, bissexuais e outros homens que fazem sexo com homens (HSH), grupo que constitui a maioria de seus usuários (Rezende; Melo, 2024). Sua arquitetura, baseada em tecnologias de geolocalização e acesso móvel, promove espaços para expressões sexuais dissidentes, mitigando barreiras impostas por estigmas sociais (Freires *et al.*, 2023).

Contudo, análises empíricas demonstram que o anonimato inerente à plataforma se correlaciona com a elevação do sexo desprotegido por preservativo (*bareback*) e o uso de substâncias psicoativas em contextos sexuais (*chemsex*) (Sousa *et al.*, 2020), além de reforçar dinâmicas de estigmatização intragrupo (Hammack *et al.*, 2022). Esse cenário se insere no contexto do aumento de casos de HIV/aids entre HSH no Brasil, com taxa de prevalência de 7,5% nessa população (Brasil, 2023).

Lima e Couto (2021) analisam o fenômeno do *bareback* considerando uma dualidade interpretativa: (1) resistência às normativas biomédicas ou (2) exercício de agência sexual libertária. Paralelamente, o *chemsex* emerge como estratégia de regulação emocional, com frequência associada a traumas não elaborados ou pressões psicossociais. A convergência desses fenômenos é exacerbada pela indústria pornográfica, que, desde a década de 1990, tem diminuído a representação de práticas性uais com preservativo em suas narrativas (Brennan, 2018).

Ferraz (2016) problematiza as respostas brasileiras ao HIV/aids, como a política da prevenção combinada, que, embora envolva uma articulação de estratégias biomédicas, comportamentais e estruturais, tem sido implementada sobretudo por meio de um enfoque biomédico. Com isso, determinantes sociais e estruturais, a exemplo da desigualdade no acesso aos serviços, acabam sendo negligenciados, o que reforça a responsabilização individual.

Dessa forma, este estudo propõe uma análise do uso de emojis nas interações entre HSH usuários do Grindr, com o objetivo de compreender como essas representações comunicam e modelam as práticas sexuais e de cuidado.

Considerando o papel dos emojis enquanto recursos visuais carregados de significado, é importante destacar que sua origem está ligada ao Japão do final da década de 1990, quando Shigetaka Kurita desenvolveu um conjunto de 176 ícones para melhorar a comunicação em uma plataforma de mensagens da NTT DoCoMo, uma grande operadora de telecomunicações japonesa. Pouco tempo depois, com a difusão do acesso à internet, o uso de simbolismos na socialização virtual passou a ganhar novas significações, contexto em que foram criados mecanismos próprios de linguagem (Bai *et al.*, 2019).

Com o avançar das décadas, os ideogramas utilizados nas plataformas digitais evoluíram e se disseminaram globalmente, sendo incorporados em praticamente todas as plataformas de comunicação digital, desde as redes sociais e os aplicativos de geossocialização até as plataformas de uso formal e corporativo. Assim, eles ganharam roupagens e interpretações de acordo com as intenções de uso e influências territoriais e culturais de quem os utiliza.

No Grindr, os emojis desempenham um papel significativo na socialização e na reafirmação das identidades dos usuários. Na plataforma, os emojis servem como uma forma de codificação para mensagens explícitas ou implícitas, propiciando livre acesso de interação entre os usuários, bem como ampliando a possibilidade de censura e entraves relacionais. A combinação de emojis apresentada nas descrições dos usuários pode indicar movimentações distintas, como interesse, posição sexual, motivações e intenções no uso do aplicativo, comportamentos sexuais de risco, fetiches, entre outros significados que em concordância produzem o que podemos denominar de “vocabulário particular” do Grindr.

A opção pelo estudo dos significados dos emojis se justifica pelo seu amplo uso global, com cerca de 5 bilhões de pessoas utilizando esses símbolos em suas interações (Toldo; Costella, 2021). No Grindr, esses recursos permitem negociações implícitas,

funcionando como códigos culturais que ressignificam as produções de sentido sobre corpo, sexualidade e cuidado. Por exemplo, o emoji “🍆” (berinjela) pode denotar tanto desejo por sexo anal quanto rejeição ao uso de preservativos, dependendo do contexto interativo.

Vale destacar que o uso desses recursos imagéticos nas descrições de perfis do Grindr evidencia critérios normativos de legibilidade, ou seja: instituem um padrão novo de linguagem que deve ser seguido dentro do endogrupo que os usa para se comunicar. Tanto nos perfis quanto nas interações do *chat*. Em alguns casos, a combinação desses elementos pode inclusive antecipar posturas violentas e condutas excludentes a certas corporalidades.

Silva Filho e Araújo (2024), em um estudo sobre desejo sexual através de uma análise descritiva de perfis em aplicativos de relacionamento para homens gays e bissexuais, nos mostram como as delimitações da heteronorma “fazem-se presentes na demanda e na cobrança” (Silva Filho e Araújo., 2024, p. 89). Nessa lógica, é possível afirmar que, mesmo antes do contato verbal, as cobranças vinculadas às estruturas de dominação (raça, classe, território, entre outras) já se manifestam, sobretudo através do uso de emojis, criando distinções hierárquicas entre os usuários e influenciando suas expressões de desejo.

Assim sendo, o estudo se justifica pela necessidade de compreender como os códigos visuais presentes nas interações digitais entre HSH influenciam as práticas sexuais e de cuidado, contribuindo para aprimorar estratégias de promoção de saúde sexual e ampliar o debate sobre vulnerabilidades interseccionais em populações dissidentes.

Método

Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa. Essa abordagem foi escolhida por oferecer condições metodológicas adequadas à investigação da complexidade dos

significados e das dimensões subjetivas que permeiam as experiências vividas pelos participantes do estudo (Minayo, 2025).

A coleta de dados foi realizada por meio de uma roda de conversa *online* com usuários do aplicativo Grindr. A amostragem não probabilística seguiu a técnica “bola de neve”, recomendada para públicos de difícil acesso, pois se baseia nas redes de relações estabelecidas entre os participantes. O recrutamento ocorreu por meio das redes sociais Instagram e WhatsApp.

Os critérios de inclusão para participação na pesquisa foram: ser ou ter sido usuário do aplicativo Grindr, ter idade igual ou superior a 18 anos e dispor de tempo para participar da roda de conversa *online*. No convite, foi esclarecido que o uso da câmera não era obrigatório, sendo necessário apenas manter o microfone ativado quando solicitado. O anonimato dos participantes e a confidencialidade das informações foram assegurados, em conformidade com os princípios éticos da pesquisa científica.

O projeto foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e aprovado por meio do parecer consubstanciado n. 5.993.288, emitido em 10 de abril de 2023.

Procedimentos analíticos

A convocação para participação na pesquisa foi realizada em 27 de junho de 2024 por meio das redes sociais. A roda de conversa *online* ocorreu em 2 de julho de 2024, via plataforma Google Meet, contando com a participação de seis usuários do aplicativo Grindr. No início da sessão, os princípios éticos da pesquisa foram reafirmados, e os participantes consentiram com a gravação da conversa. Em seguida, foi solicitado que prenchessem um formulário sociodemográfico, disponibilizado na plataforma Google Forms, com o objetivo de caracterizar a amostra.

O pesquisador apresentou a proposta do encontro, que consistia na exibição de uma série de emojis aos participantes. Para cada emoji, os participantes deveriam

responder à pergunta: “Como você comprehende esse emoji?”, utilizando o *software* Mentimeter. Esse recurso permitiu a criação de apresentações interativas com *feedback* em tempo real e garantiu o anonimato das respostas, reduzindo o viés de desejabilidade social. Os participantes tiveram alguns minutos para definir o emoji apresentado em até três palavras.

Após essa etapa, as palavras coletadas através do Mentimeter foram utilizadas para estimular a discussão entre os participantes, conduzida a partir da questão disparadora: “Esse emoji já apareceu em suas experiências no aplicativo? Se sim, de que forma?”. Foram apresentados 14 emojis, em 11 blocos de discussão, sendo que alguns foram agrupados por similaridade de significado.

O áudio da sessão foi transscrito e posteriormente transformado em um *corpus* textual, o qual foi processado utilizando o *software* Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (Iramuteq) (Ratinaud, 2009), versão 0.7 alpha 2, executado no ambiente R versão i386 3.5.2 (R Core Team, 2012). Essa análise permitiu a geração de uma nuvem de palavras, representando os termos mais frequentes em uma imagem circular, na qual o tamanho da palavra demonstra a força da expressão no *corpus* textual. Além disso, foram produzidas duas representações gráficas da análise de similitude, que conectam e organizam os termos considerando as classes hierárquicas à qual estão vinculados no *corpus* analisado pelo *software*.

Os dados coletados foram organizados em dois enquadramentos complementares. No primeiro, discutimos os emojis apresentados durante a roda de conversa e os significados atribuídos pelos participantes. Em seguida, com o intuito de aprofundar a análise, apresentamos a nuvem de palavras e a análise de similitude geradas pelo *software* Iramuteq, com base na transcrição completa da roda de conversa.

Resultados

Caracterização dos participantes

A roda de conversa contou com seis participantes, sendo três naturais de Maceió/AL e três de João Pessoa/PB. A média de idade dos participantes foi de 26 anos. No que se refere à identidade de gênero, cinco participantes se identificaram como homens cisgênero e um como pessoa não binária. É importante destacar que, para fins desta análise, a resposta de uma pessoa não binária foi incluída, reconhecendo que, mesmo escapando à lógica binária, seu corpo ainda é socialmente lido como masculino. Em relação à orientação sexual, quatro participantes se autodeclararam gays e dois bissexuais. Quanto à identidade racial, dois participantes se autodeclararam brancos, dois pretos e dois pardos. No que tange à condição socioeconômica, dois participantes se identificaram como pertencentes à “classe média alta”, dois à “classe média baixa”, um à “classe média” e um à “classe baixa”.

Interpretação dos emojis

O debate sobre os emojis analisados na pesquisa foi estruturado em quatro eixos temáticos distintos, organizados com base nas falas dos participantes e na categorização dos significados atribuídos aos elementos visuais. O primeiro eixo abordou emojis que remetem a posições sexuais, evidenciando como os participantes associaram determinados ícones a práticas específicas, tais como penetração ou sexo oral, e discutiram suas implicações simbólicas e sociais. O segundo eixo tratou de emojis relativos à expressão de gênero, explorando como os ideogramas representavam características ou identidades de gênero e refletiam a vivência de papéis socialmente construídos. O terceiro eixo examinou emojis que indicavam práticas性uais desprotegidas e/ou o uso de substâncias psicoativas, discutindo os significados atribuídos a esses ícones e suas possíveis relações com contextos de vulnerabilidade e risco. Por fim, um quarto eixo emergiu na análise, evidenciando experiências de exclusão, discriminação étnico-racial e violência simbólica associadas ao uso do aplicativo.

A apresentação dos resultados divididos em eixos busca evidenciar a complexidade das interações no ambiente do Grindr, tanto na dimensão virtual

representada pelos emojis quanto nas experiências concretas cotidianas dos participantes. Essa diversidade de significados e vivências será aprofundada e discutida com maior rigor na sessão de discussão deste artigo.

Tabela 1: Emojis apresentados na roda de conversa e as expressões relacionadas pelos participantes.

Emoji	Expressões relacionadas pelos participantes
1. 	Em destaque: dotado Outras expressões: ativo, genital masculino, pau, pênis
2. 	Em destaque: passivo Outras expressões: bunda grande, bundudo, rabo
3. 	Em destaque: ativo, versátil, passivo Outras expressões:
4. 	Em destaque: sem camisinha Outras expressões: soropositivo, sem capa, ist
5. 	Em destaque: sexo grupal Outras expressões: festa com sexo, não sei informar
6. 	Em destaque: sigiloso Outras expressões: não assumido, segredo, sigilo
7. 	Em destaque: ist Outras expressões: carimbo, veneno, hiv
8. 	Em destaque: afeminado Outras expressões: cdzinha
9. 	Em destaque: afeminado Outras expressões: diversidade, gay
10. 	Em destaque: gozar dentro Outras expressões: gozar, gozo
11. 	Em destaque: pó Outras expressões: padê, droga, cocaína, cheirar pó no sexo

Fonte: Elaboração dos autores. Emojis extraídos da plataforma emojipédia (<https://emojipedia.org/>).

Eixo 1 – Posições sexuais

No eixo das posições sexuais () , as interpretações dos participantes foram amplamente convergentes. Os emojis de frutas foram compreendidos como representações explícitas das preferências sexuais no intercurso anal, sendo a berinjela () associada ao papel ativo (insertivo) e o pêssego () ao papel passivo (receptivo).

No entanto, cinco dos seis participantes relataram desconforto com o uso desses emojis (🍆🍑) devido ao seu caráter explícito e de abordagem direta, como vemos nos trechos a seguir:

Já apareceu, sim, nas minhas experiências usando o aplicativo Grindr. Mas nunca foi numa interação, assim, que eu busquei falar com aquela pessoa. Até porque, pra mim, esse emoji tá muito ligado à questão do que já foi falado, né, do dotado, do ativo. Mas, não sei, tenho a impressão de que sempre a pessoa que tá usando esse emoji é uma pessoa muito bruta, é uma pessoa muito “bronca”, às vezes, então, assim, gera uma certa hostilidade, do tipo que não seria uma pessoa que eu buscaria no aplicativo, conversar ou marcar alguma coisa ou encontrar (Participante 1, 26 anos, pardo, homem cis, gay).

Outro participante nos conta:

Normalmente esses emojis, como a berinjela e o pêssego, são bem objetivos e pra mim nenhum dos dois me atrai, assim, quando a pessoa tem isso no perfil. Não tô dizendo que eu não queira algo rápido e tudo o mais, mas a forma como normalmente as pessoas usam esses emojis é mais algo tipo assim “não quero saber quem você é, não quero saber o seu nome, não quero saber do seu rosto, eu só quero...”, sabe? Fazer isso e acabou. E pra mim não funciona, né (Participante 3, 22 anos, pardo, não binário, bissexual).

Já os emojis de setas (↑↔↓) foram interpretados como uma alternativa mais sutil para transmitir a mesma mensagem, sendo considerados menos invasivos e mais aceitáveis na comunicação dentro do aplicativo.

De primeira quando eu vi as setas, eu fiquei, “meu deus, pra que é isso?”, aí depois que fui associando pra que serviria, e eu acho útil, é mais uma troca, não tem nenhuma conotação além disso. Eu acho interessante que as pessoas que são versáteis-ativas e versáteis-passivas usam dois emojis juntos, as duas setinhas, a setinha pra baixo junto com a outra né (Participante 3, 22 anos, pardo, não binário, bissexual).

Já conhecia as funções dessas setas, já sabia que uma pra cima o que queria dizer, a pra baixo o que queria dizer, uma cima e baixo também o que ela queria dizer. E aí que percebo que já é uma pessoa que está ali disposta a ver o que rola, sabe? (Participante 5, 31 anos, preto, homem cis, gay).

Eixo 2 – Expressões de gênero

No que tange às expressões de gênero (👩‍🦰🌈), os participantes também apresentaram interpretações relativamente homogêneas. O emoji do detetive (🕵️) foi associado a indivíduos que não assumem publicamente sua orientação sexual e que adotam um comportamento discreto. Os seguintes segmentos textuais justificam esses apontamentos: “É uma figura, uma imagem que já tem mais informações, ele remete ao espião ali, algo mais secreto. Acho que a imagem fala por si só, do mistério, o segredo” (Participante 5, 31 anos, preto, homem cis, gay).

Os emojis de unha pintada (💅) e arco-íris (🌈) foram compreendidos como representações de pessoas afeminadas e assumidamente LGBTQIAPNb+ que se expressam dessa maneira diante da realidade e que por causa disso podem ser vítimas de uma forma de preconceito que se manifesta nas dinâmicas atuais, a afeminofobia. Segundo Ramos e Cerqueira-Santos (2019), esse estigma consiste na rejeição de tudo que representa a feminilidade (seja através da estética, dos trejeitos ou até do dialeto) quando performado por sujeitos socialmente designados “homens”; isto é, trata-se de um ato discriminatório voltado a corporeidades que fujam de expressões de gênero masculinas e viris. O trecho a seguir evidencia tal caracterização: “No Grindr, arco-íris pra mim é gay e, se eu pensar um pouco mais assim, seria um gay assumido. E falaram afeminado também, então às vezes tem isso, né? O gay assumido ou uma pessoa que está ali representando feminilidade” (Participante 1, 26 anos, pardo, homem cis, gay).

Eixo 3 – Práticas sexuais desprotegidas e uso de substâncias psicoativas

O terceiro padrão de emojis, referente às práticas sexuais desprotegidas e ao uso de substâncias psicoativas (💥☣️🎈🦋⚡), apresentou maior diversidade interpretativa

e discordâncias entre os participantes. Os emojis que simbolizam materiais radioativos (☢️) foram identificados como alusivos a relações sexuais sem preservativo, ao *status* sorológico para HIV ou a experiências com Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) desprotegidas do uso de preservativos ou profilaxia pré-exposição ao HIV (PrEP), por exemplo, como nos conta um dos respondentes do estudo:

Quem coloca o símbolo da radioatividade é porque tá querendo fazer o sexo sem preocupação nenhuma. São essas pessoas que fazem sem proteção, seja ela de um PrEP ou até o próprio uso da camisinha ou qualquer outra proteção que possa existir. É o famoso sexo no pelo (Participante 4, 29 anos, branco, homem cis, gay).

O emoji do balão (🎈) foi associado a festas com conotação sexual, sexo grupal e, em alguns casos, à infantilização ou ao desejo por menores de idade, como indica a fala a seguir: “Eu já vi algumas vezes esse emoji e eu acho que na verdade ele já é um convite. Assim, porque, quando você fala de sexo grupal ou uma festa com sexo, enfim, e você coloca o emoji, você já está convidando...” (Participante 4, 29 anos, branco, homem cis, gay). Outro participante aponta: “Balão remete também a festa infantil, né, a criança, então por isso também tem aparecido” (Participante 5, 31 anos, preto, homem cis, gay).

O emoji do escorpião (♏) foi associado a um alerta ou símbolo de atenção para possíveis riscos relacionados às ISTs. É possível apontar alguns relatos que contextualizam tais descrições:

Eu já tinha um conhecimento de quando tem o emoji de escorpião é uma pessoa que tá querendo carimbar a outra com alguma infecção sexualmente transmissível, que tá querendo passar doença. Então pra mim, assim, de início já quando eu vejo esse emoji seria pra bloquear a pessoa (Participante 1, 26 anos, pardo, homem cis, gay).

Quem usa o escorpião, eu entendo que é a pessoa que tá infectada, mas define se ele está ou não em tratamento, e, na minha percepção, no meu uso com o aplicativo eu vejo mais gente colocando o escorpião do que

a própria radioatividade (Participante 4, 29 anos, branco, homem cis, gay).

O emoji das gotas (💧) representou a troca de fluidos corporais, embora tenha havido divergências quanto ao contexto específico dessa troca. Por fim, o emoji de raio (⚡) teve uma interpretação quase unânime, sendo relacionado ao uso de cocaína durante o sexo, caracterizando o ato como *chemsex*, a exemplo dos trechos a seguir:

Eu acho que pra mim, assim, é direto, a pessoa quer usar cocaína durante o sexo (Participante 4, 29 anos, branco, homem cis, gay).

Então é muito comum que a gente veja, tanto os copinhos de cerveja, como o raio, como de outros emojis, que estão se referindo a essas drogas, e que não necessariamente essas pessoas estão querendo fazer sexo utilizando-as. Elas só querem a droga e talvez precisem se submeter ao sexo para obtê-las (Participante 5, 31 anos, preto, homem cis, gay).

Eixo 4 – Experiências de exclusão e discriminação racial

Um quarto eixo temático emergiu no decorrer da análise, revelando experiências de discriminação e exclusão racial associadas ao uso do aplicativo. Embora fosse promovido como um espaço seguro, participantes relataram que o ambiente virtual frequentemente reproduz violências racistas explícitas ou sutis. Essas experiências incluíram desde a objetificação e a hipersexualização de corpos negros até episódios de ofensas racistas, que levaram alguns participantes a considerarem desinstalar o aplicativo, como visto nos trechos que se seguem:

Há algo que considero ser frequente, que é a respeito da objetificação de pessoas negras. Por ser um rapaz negro, então deve ser dotado, já vai nessa, o cara vai ser ativo, var ser pauzudo, e vai te comer (Participante 5, 31 anos, preto, homem cis, gay).

Eu parei de usar depois que foram racistas comigo. Eu recusei um cara, e ele me chamou de macaco, aí eu desinstalei (Participante 6, 20 anos, preto, homem cis, bissexual).

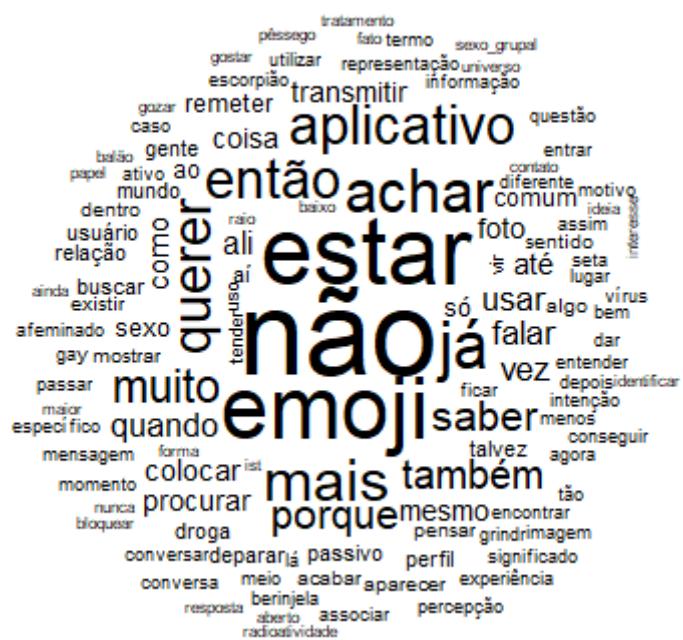
Seguindo com a apresentação dos resultados e a fim de complementar a interpretação qualitativa dos eixos temáticos, os dados coletados na roda de conversa foram transformados em *corpus* textual e processados através do *software* Iramuteq.

Nuvem de palavras e análise de similitude

A fim de enriquecer a interpretação das respostas fornecidas pelos participantes, foi possível gerar, com o auxílio do *software* Iramuteq, um *corpus* textual monotemático composto por 159 segmentos de texto, 5.641 ocorrências e 1.143 formas, com um aproveitamento de 56,08% das formas. As palavras mais frequentes no *corpus* textual correspondem a termos de uso comum entre os participantes, podendo revelar características culturais e linguísticas relevantes ao estudo. No entanto, o volume de dados coletados não permitiu a realização de análises mais complexas. Desse modo, optou-se por análises lexicais simples, que destacam elementos significativos para a interpretação dos resultados, considerando as seguintes classes gramaticais: substantivos, verbos, adjetivos, advérbios e formas não reconhecidas pelo dicionário.

A nuvem de palavras (Figura 1) destaca visualmente os termos mais frequentes no *corpus* textual da transcrição, permitindo identificar os elementos centrais e recorrentes nas falas dos participantes. Os termos mais proeminentes – como “emoji”, “transmitir”, “aplicativo”, “passivo”, “representação”, “sexo grupal”, “berinjela” e “afeminado” – confirmam a relevância dos quatro eixos interpretativos: posições sexuais; expressões de gênero; práticas性uais desprotegidas e uso de substâncias; e experiências de exclusão e discriminação racial. A visualização proporcionada pela nuvem reforça a centralidade da discussão sobre representações, práticas性uais e de cuidado, sobretudo no contexto dos aplicativos de geolocalização.

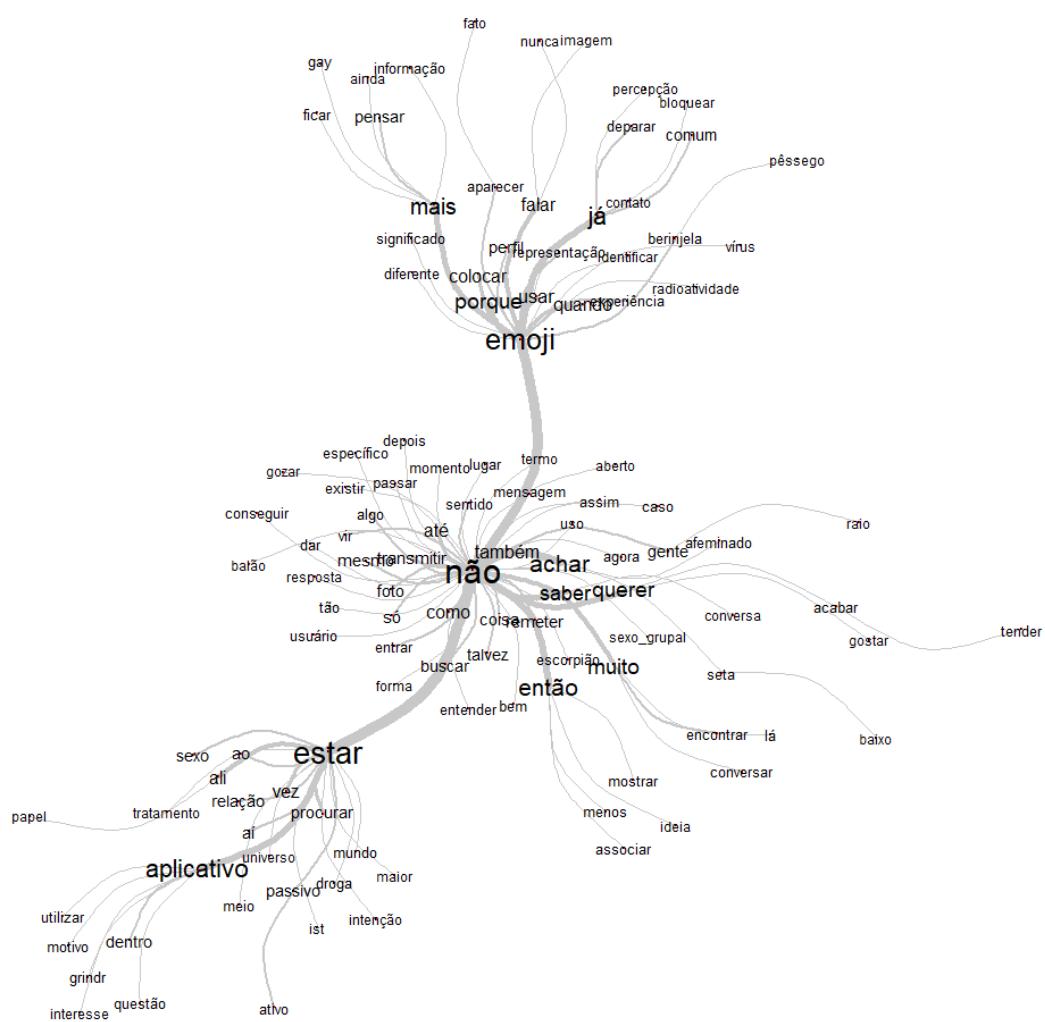
Figura 1. Nuvem de palavras gerada a partir da transcrição da roda de conversa.



Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados da pesquisa, processados no software Iramuteq (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires), versão 0.7 alpha 2, executado no ambiente R versão i386 3.5.2 (R Core Team, 2012).

A análise de similitude permite visualizar as relações de coocorrência entre termos, evidenciando conexões de significado entre os temas discutidos. O destaque do termo “não” e das palavras associadas sugere que a comunicação mediada por emojis carrega ambiguidades e tensões.

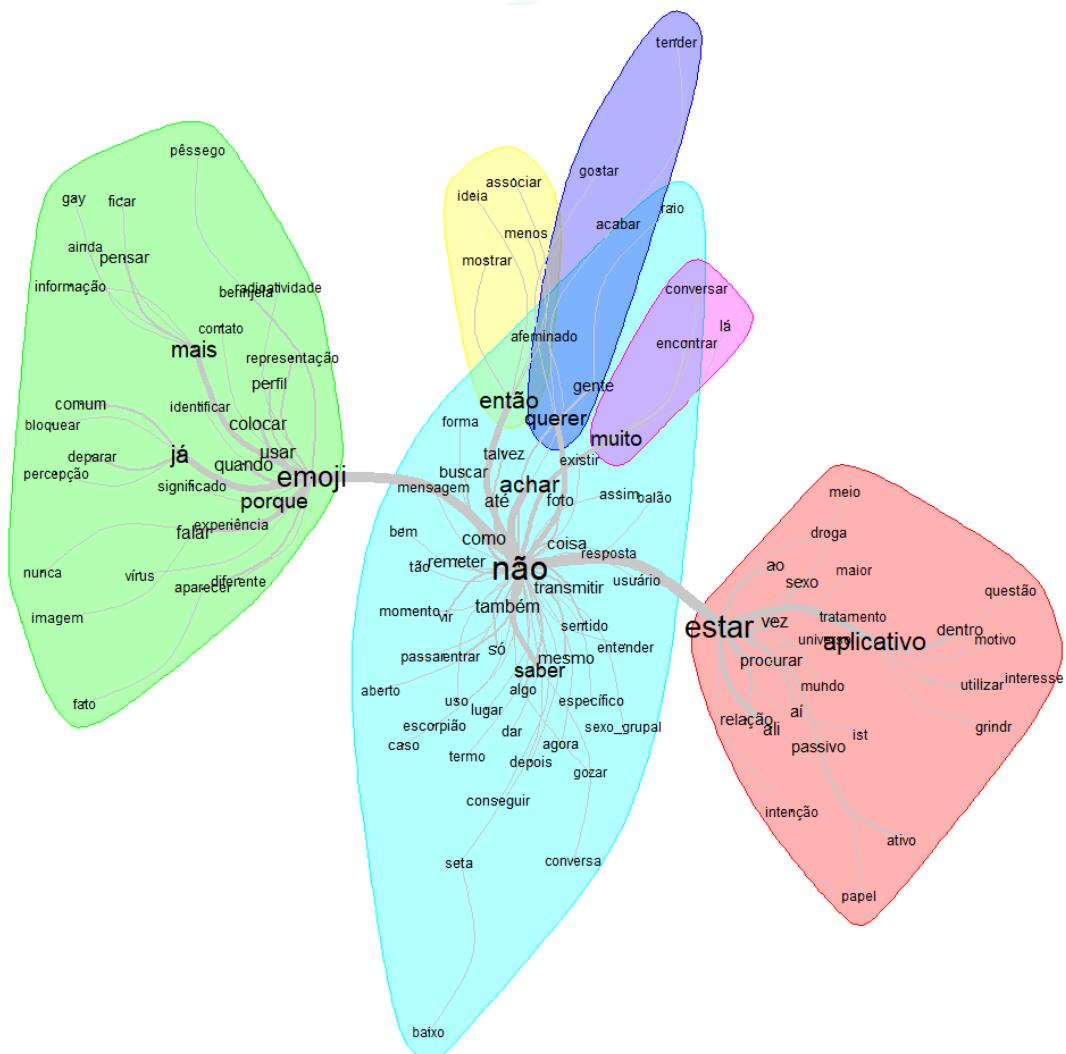
Figura 2. Análise de similitude gerada a partir da transcrição da roda de conversa.



Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados da pesquisa, processados no software Iramuteq (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires), versão 0.7 alpha 2, executado no ambiente R versão i386 3.5.2 (R Core Team, 2012).

Tanto no modelo mais simples da análise de similitude (Figura 2) quanto na análise com ajustes gráficos (Figura 3), as redes de palavras parecem indicar que os emojis são mais do que simples ícones. Eles funcionam também como símbolos performativos e identitários, podendo estar associados a sexualidades dissidentes, práticas de cuidado e estratégias de aproximação ou afastamento.

Figura 3. Análise de similitude com ajustes gráficos, gerada a partir da transcrição da roda de conversa.



Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados da pesquisa, processados no software Iramuteq (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires), versão 0.7 alpha 2, executado no ambiente R versão i386 3.5.2 (R Core Team, 2012).

Integrando os relatos com o resultado da nuvem e a análise de similitude, podemos reafirmar a complexidade das interpretações sobre os emojis e a riqueza das experiências mediadas pelo uso dos aplicativos.

Discussão

Se anteriormente as relações virtuais eram compreendidas como uma superação das fronteiras físicas, a onipresença dos *smartphones* e das tecnologias de geolocalização exige, atualmente, uma reflexão sobre como a virtualidade atravessa a vida *offline*. A noção de uma cisão entre real e virtual já não parece se sustentar (Blackwell; Birnholtz; Abbott, 2015). Nesse sentido, quando o criador do Grindr apresenta o aplicativo como um espaço seguro para que os usuários sejam quem desejam ser, é necessário reconhecer que essa narrativa faz parte da lógica de comercialização de um produto.

Ao analisar os relatos dos usuários, observa-se que a romantização do ambiente proporcionado pelo aplicativo não se sustenta na prática. Embora o Grindr seja promovido como um espaço seguro, sua utilização pode expor os usuários a experiências violentas, como racismo, risco de abusos físicos e sexuais, perpetuação de estigmas, estereótipos e hostilidade interpessoal. Assim, questiona-se: até que ponto o aplicativo é, de fato, tão seguro quanto se propõe?

Miskolci (2017) nos conta que a homossocialização digital, sobretudo a partir das dinâmicas de interações em aplicativos de geolocalização como o Grindr, importou mecanismos de exclusão e estigmatização já presentes no mundo *offline*. Ao serem transpostas para virtualidade, essas práticas são marcadas por padrões normativos vinculados às estruturas de dominação, que em articulação naturalizam entre as avenidas da internet formas sutis e explícitas de produzir violências simbólicas. No que tange ao Grindr, observa-se que, embora os usuários compartilhem de uma experiência em comum, isto é, ser um corpo dissidente sexual e/ou de gênero, há uma internalização e perpetuação dessas práticas excluientes com o propósito de manutenção de hierarquias e relações de poder.

Para Preciado (2022), há uma operacionalidade da cisheteronorma agindo de forma intencional sobre os corpos, os ambientes e os discursos, a fim de naturalizar seus construtos até mesmo entre identidades dissidentes. Na mesma direção, Judith Butler (2019) afirma que o poder hegemônico, binarista e cisheterossexista circula por todos os

espaços, sendo alimentado, sobretudo, através da linguagem, que não só cria uma norma como facilmente a reproduz, alcançando uma gama de sujeitos.

Essa dinâmica pode ser interpretada à luz da performatividade social concebida por Butler (2019), cuja teoria do discurso nos permite compreender que as identidades não emergem de essências fixas ou naturais, mas são continuamente constituídas por práticas reiterativas, no nível tanto da linguagem quanto da corporeidade. Esses enquadramentos, como nos conta Butler, abrangem as formas pelas quais os sujeitos se inscrevem e são inscritos nas dinâmicas sociais, através de *performances* sociais codificadas influenciadas pela cisgenderização, seja através de gestos, comportamentos, signos visuais e recursos comunicacionais, como os emojis abordados neste estudo.

A linguagem, nesse contexto, não apenas representa a realidade, mas a produz materialmente, conferindo inteligibilidade a certos modos de existir se ajustados aos padrões hegemônicos de raça, classe, gênero, entre outros marcadores, enquanto simultaneamente fabrica o que Butler (2019) vai chamar de corpos “abjetos”, aqueles que não se conformam a essas lógicas dominantes e passam a ser desautorizados a importar.

Tais dinâmicas podem ser facilmente evidenciadas nas interações mediadas no uso do Grindr, onde códigos visuais e discursivos rapidamente delimitam quem pertence e quem é excluído, como vemos no relato a seguir:

Eu já desinstalei várias vezes, por conta de como eu sou recebido, quando eu mostro minha foto. Eu permaneço de cabelo longo, e assim isso já é uma bandeira pra levar um block. Muitas vezes vê, aí só por ter um cabelo longo, já acha que eu sou um afeminado, já associa com várias coisas, enfim, acabo tendo essa recepção, e isso me afetava, como eu me via. Mas eu tive esse processo de ter que sair, passar um tempo querendo mudar, pensando em cortar o cabelo, ficar mais magro, porque eles meio que reforçam muito esse padrão de ser masculino, ser musculoso, enfim, a virilidade (Participante 3, 22 anos, pardo, não binário, bissexual).

Neste ponto, a afeminofobia ganha destaque, pois no que se refere ao uso do Grindr ela parece como um mecanismo central de regulação das expressões de gênero e

sexualidade dentro das próprias dinâmicas do aplicativo. Lima, Silva e Santos (2024) argumentam que, diante da impossibilidade de corresponder às representações socialmente estabelecidas de força, virilidade e masculinidade, os sujeitos designados como “homens” pela norma são posicionados sob a marca da insuficiência ou do desvio, o que os autores descrevem como o simbolismo da “falha masculina”. Dentro desse regime normativo, o corpo masculinizado associado a uma virilidade exacerbada e dissociada de qualquer traço feminilizado é alçado ao topo das hierarquias que organizam o campo do afeto e o desejo. Já a figura da “bicha”, cuja corporalidade e *performance* expressam elementos associados à afeminação, é sistematicamente excluída das dinâmicas afetivo-sexuais, sendo relegada às margens das experimentações afetivo-sexuais.

Para além disso, Breslow *et al.* (2020) nos dizem que essa categorização dos usuários com base em características físicas, promovida pelo Grindr, pode agravar preocupações com a imagem corporal e intensificar a forma de exploração e até mesmo o modo como os usuários se percebem e constituem sua autoestima. Nesse contexto, não surpreende que os participantes da roda de conversa tenham apontado o racismo como motivo para desinstalar o aplicativo.

Conforme Terra e Araújo (2025), as experiências de exclusão, frequentemente naturalizadas na sociedade brasileira, não apenas reforçam a marginalização de determinados grupos, como também sustentam a crença de que essas violências são influenciadas pelo comportamento individual ou decorrem de falhas pessoais, quando, na verdade, fazem parte de um sistema muito mais amplo e arraigado historicamente. Rodrigues, Sacramento e Aragão (2024) afirmam que a discriminação racial na escolha de parceiros sexuais, denominada racismo sexual, refere-se a uma forma de rejeição consciente baseada em estereótipos raciais. Para Callander, Holt e Newman (2015), essa discriminação tende a ser mais facilmente expressa em ambientes *online*, uma vez que o anonimato proporcionado pelas plataformas digitais reduz barreiras sociais que, presencialmente, poderiam moderar tais comportamentos.

Ao visitarmos os debates sobre afetividades homossexuais negras, torna-se evidente que a figura da “bicha preta” raramente ocupa uma posição de centralidade nas

relações afetivo-sexuais, exceto quando vista pelo binóculo da hipersexualização ou caricatura. Para Veiga (2018, p. 84-85), identidades negras afeminadas são frequentemente percebidas “como sujeitos que têm um corpo e não apenas como corpo”, o que revela uma disputa por humanidade em meio a estruturas que as desumanizam. Já Nascimento e Lima (2022), ao investigarem as experiências de corpos negros no uso do aplicativo Grindr, identificaram a prevalência de discursos que reiteram sua objetificação. Os autores evidenciam que, de forma geral, expressões como “negro ativo GG”, “preto dotado”, “negão da piroca” e “negro fudedor” figuram entre as mais recorrentes nas descrições de interesse dos perfis, evidenciando uma fetichização racial que reduz esses sujeitos quase sempre à função sexual.

Em contraste, os corpos negros que não performam os códigos da masculinidade hegemônica tendem a ser marcados pela indesejabilidade, sendo alvo de um duplo apagamento: um que opera pelo racismo e outro, pela afeminofobia. Veiga (2018) descreve esse fenômeno como “afeto-diáspora”, um sentimento de ausência e carência afetiva, que persiste mesmo em contextos de convivência e presença física de outros sujeitos. Essa condição é intensificada pela sobreposição entre o racismo e a afeminofobia, em um diálogo que contribui para processos contínuos de marginalização e internalização da rejeição. Nesse cenário, muitas “bichas pretas” acabam absorvendo o olhar colonizador, o que pode levá-las a silenciar ou suprimir dimensões de sua própria identidade na tentativa de adequar-se a uma cisheteronorma branca e compulsória.

A linguagem digital, mesmo quando expressa por símbolos visuais, continua a funcionar como um instrumento de produção de subjetividades e de regulação social. Os emojis funcionam como marcadores discursivos que delimitam fronteiras de pertencimento, desejo e exclusão, reiterando as normativas cis e racializadas que atravessam as interações *online*, o que gera impactos inclusive na dinâmica das práticas sexuais e no uso de substâncias psicoativas. Conforme argumentam Rezende e Melo (2024), as conexões entre pessoas mediadas pela tecnologia digital revelam a interdependência que existe entre corpo, interação e papéis sociais. No ambiente digital, circulam códigos que problematizam a noção de “risco”.

Essa leitura nos convida a questionar a forma como o “sexo sem proteção” se inscreve na linguagem dos aplicativos, não como um desvio ou falha moral, mas como uma rede de sentidos, atravessada por prazer, negociação, resistência e vulnerabilidades. Afinal de contas, os processos de vulnerabilização que operam na esfera social e física também se reproduzem no ambiente virtual.

Nesse cenário, embora diversos estudos tenham investigado a relação entre o uso de substâncias psicoativas e o sexo desprotegido, há uma lacuna na literatura quanto ao contexto sociocultural em que se inserem homens gays, bissexuais e outros HSH. Segundo Ahmed *et al.* (2016), as normas sociais compartilhadas dentro desses grupos exercem maior influência sobre sua saúde do que aquelas advindas de outros círculos, como a família.

A individualização das práticas sexuais e da responsabilidade pela prevenção, desconsiderando os processos sociais estigmatizantes, não impede os efeitos de excitação, euforia e desinibição induzidos pelo uso de substâncias. Dessa forma, compreender que a busca por tais efeitos pode ser uma estratégia para lidar com processos estruturais de exclusão social abre caminhos para o desenvolvimento de diálogos mais eficazes com essas populações, possibilitando a construção de práticas de cuidado que considerem as reais necessidades e especificidades desses grupos.

Ao buscarmos deslocar o olhar para além das narrativas normativas, percebemos que as interações através de aplicativos como o Grindr não ocorrem isoladamente, mas, na verdade, refletem estruturas sociais complexas. Considerando isso, somos convidados a pensar não apenas no impacto do digital na construção das identidades e subjetividades, mas também nas potências políticas que emergem quando corpos *deslumbrantes* (Favero, 2024) se encontram, negociam e afirmam suas existências.

Considerações finais

Este estudo tornou evidente a complexidade das interações entre HSH através do aplicativo Grindr. Os quatro eixos identificados e posteriormente analisados revelam que,

apesar de o ambiente virtual possibilitar a expressão de identidades deslumbrantes e de desejos sexuais plurais, também abre espaço para a reprodução de estigmas sociais, preconceitos e processos de vulnerabilização que existem fora do ambiente virtual.

Os dados coletados deixam evidente que a dicotomia entre o real e o virtual não se sustenta, tendo em vista que as experiências nessas duas esferas se interseccionam e os fatores de vulnerabilidade se cruzam. As interpretações atribuídas pelos participantes aos emojis mostram como esses códigos visuais exemplificam discursos e práticas, sendo utilizados tanto para indicar preferências sexuais quanto para marcar experiências de risco e exclusão.

No Grindr, os usuários fazem uso do micropoder e delimitam sistemas próprios que operam um controle sobre outros corpos. Em face disso, corporeidades que não detêm os atributos esperados caem na rede da exclusão, sendo que sequer lhes é permitido o simples ato de tentar, pois os emojis se apresentam como trincheiras para o acesso a determinado perfil. É um jogo, são singularidades que se apropriam de uma linguagem para manipular e desaprovar outras singularidades.

As falas dos participantes apontam também para uma cultura de afeminofobia e racismo presente na plataforma, indicando a necessidade urgente de que sejam repensadas as formas de interação *online*, a fim de que se tornem mais inclusivas e seguras. Os achados, mesmo com um volume de dados limitado, oferecem subsídios importantes para pensar o desenvolvimento de estratégias de prevenção e promoção da saúde sexual, assim como para pensar o fortalecimento de políticas públicas direcionadas às populações LGBTQIAPNb+.

Este trabalho oferece, portanto, uma contribuição para a compreensão crítica de algumas das dinâmicas digitais que atravessam a vivência de HSH, apontando para a necessidade de ampliação de pesquisas futuras que atentem para recortes interseccionais mais amplos, e que incluam variáveis mais específicas, como territorialidade, faixa etária, classe social e corpos deslumbrantes.

Por fim, entendemos que as plataformas digitais não são espaços neutros, ou seja, refletem tensões, paradoxos e contradições da sociedade em geral. Investigar essas

dinâmicas nos permite pensar intervenções mais eficazes, que estejam alinhadas aos anseios e às mobilizações sociais e respeitem as singularidades e vulnerabilidades de cada sujeito.

Referências

- AHMED, A.-K.; WEATHERBURN, P.; REID, D.; HICKSON, F.; TORRES-RUEDA, S.; STEINBERG, P.; BOURNE, A. Social norms related to combining drugs and sex (“chemsex”) among gay men in South London. **International Journal of Drug Policy**, [s. l.], v. 38, p. 29-35, 2016.
- BAI, Q.; DAN, Q.; MU, Z.; YANG, M. A Systematic Review of Emoji: Current Research and Future Perspectives. **Frontiers in Psychology**, [s. l.], v. 10, p. 2221, 2019.
- BATISTA, L. **Por um Nordeste desdobrado veredas e devires da pesquisa em Psicologia**. Maceió, AL: Edufal, 2023. 2023.
- BRENNAN, J. Microporn in the digital media age: fantasy out of context. **Porn Studies**, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 152–155, 2018.
- BLACKWELL, C.; BIRNHOLTZ, J.; ABBOTT, C. Seeing and being seen: Co-situation and impression formation using Grindr, a location-aware gay dating app. **New Media & Society**, [s. l.], v. 17, n. 7, p. 1117-1136, 2015.
- BONFANTE, G. Genealogia do sexo no pelo: uma revisão bibliográfica das vontades de verdade sobre a prática do bareback. **Veredas – Revista de Estudos Linguísticos**, [s. l.], v. 26, n. 2, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/38453>. Acesso em: 13 fev. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim epidemiológico HIV/Aids 2022**. Brasília, 2023.
- BRENNAN, D. J.; CARD, K. G.; COLLECT, D.; JOLLIMORE, J.; LACHOWSKY, N. J. How Might Social Distancing Impact Gay, Bisexual, Queer, Trans and Two-Spirit Men in Canada? **AIDS and behavior**, [s. l.], v. 24, n. 9, p. 2480-2482, 2020.
- BRESLOW, A. S.; SANDIL, R.; BREWSTER, M. E.; PARENT, M. C.; CHAN, A.; YUCEL, A.; BENSMILLER, N.; GLAESER, E. Adonis on the apps: Online objectification, self-esteem, and sexual minority men. **Psychology of Men & Masculinities**, [s. l.], v. 21, n. 1, p. 25-35, 2020.

BUTLER, J. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. (Sujeito e história).

CALLANDER, D.; NEWMAN, C. E.; HOLT, M. Is Sexual Racism Really Racism? Distinguishing Attitudes Toward Sexual Racism and Generic Racism Among Gay and Bisexual Men. **Archives of Sexual Behavior**, [s. l.], v. 44, n. 7, p. 1991-2000, 2015.

FAVERO, S. **Lapidar os sentidos da infância:** reimaginando o cuidado com crianças trans. 2024. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/291077>. Acesso em: 29 mai. 2025.

FERRAZ, Dulce Aurélia de Souza. **Prevenção combinada baseada nos direitos humanos:** por uma ampliação dos significados e da ação no Brasil. Boletim ABIA, Rio de Janeiro, n. 61, p. 9-12, 2016.

FREIRES, L. A. *et al.* “Muito prazer, sou...”: desejos online em terra de “cabra macho”. In: BATISTA, L. (org.). **Por um Nordeste desdobrado:** veredas e devires da pesquisa em Psicologia. Maceió: Edufal, 2023. p. 138-150.

HAMMACK, P. L.; GRECCO, B.; WILSON, B. D. M.; MEYER, I. H. “White, Tall, Top, Masculine, Muscular”: Narratives of Intracommunity Stigma in Young Sexual Minority Men’s Experience on Mobile Apps. **Archives of Sexual Behavior**, [s. l.], v. 51, n. 5, p. 2413-2428, 2022.

LIMA, A. S., SILVA, E. W. M. & SANTOS, L. C. O. Relatos de homens gays e bissexuais sobre o uso do ‘TAP’ e do ‘Like’ durante e pós-pandemia da Covid-19. In. Freires, L. A. (org.). **Virtualidades e relações afetivo-sexuais:** Estudos multigrupais nos aplicativos Tinder, Grindr e Wapa. Maceió: Edufal, 2024. p. 96-108.

LIMA, D. M.; COUTO, E. S. Prazer e risco: corpos e pedagogias bareback no Twitter. **Revista Contrapontos**, [s. l.], v. 22, n. 1, p. 8-27, 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Série Manuais Acadêmicos.** Rio de Janeiro: Vozes, 2025. 128 p. (1^a ed., capa comum, 1 fev. 2025). ISBN 978-85-326-4212-7.

MISKOLCI, R. **Desejos digitais:** uma análise sociológica da busca por parceiros online. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

NASCIMENTO, F. A.; LIMA, G. D. S. O corpo negro no domínio das homossexualidades masculinas: interpelações acerca das representações homoeróticas

em aplicativos de interação afetivo-sexual. **Encontros Bibl: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, [s. l.], v. 27, p. 1-19, 2022.

PRECIADO, P. B. **Manifesto contrassexual**: Práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2022.

RAMOS, M. D. M.; CERQUEIRA-SANTOS, E. Escala de Atitudes Negativas sobre Afeminação (ANA): adaptação e evidências de validade no Brasil. **Psico**, [s. l.], v. 50, n. 2, p. e31342, 2019.

RATINAUD, P. **IRAMUTEQ**: Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires [Computer software]. Disponível em: <http://www.iramuteq.org>. Acesso em: 10 jun. 2025.

REZENDE, A. T.; MELO, W. C. O que é e como o ‘TAP’ é utilizado pela comunidade de usuários/as e pela literatura científica? In: FREIRE, Leogildo Alves *et al.* (org.). **Virtualidades e relações afetivo-sexuais: estudos multigrupais em aplicativos de geolocalização**. Maceió: Edufal, 2024.

RODRIGUES, H. dos S.; SACARAMENTO, D. B. do; ARAGÃO, V. G. de O. RACISMO AFETIVO-SEXUAL E O PRETERIMENTO DA MULHER PRETA: O AMOR TEM COR? DOES LOVE HAVE A COLOR?. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [s. l.], v. 15, n. 43, 2024. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1612>. Acesso em: 17 fev. 2025.

SILVA FILHO, J. A. C. S.; ARAÚJO, H. M. S. Uma análise comparativa de perfis de homens gays nordestinos no TAP e no Like. In: FREIRES, L. A.; SILVA, R. D.; SILVA FILHO, J. A. C. S.; ARAÚJO, H. M. S. (org.). **Virtualidades e relações afetivo-sexuais: estudos multigrupais nos aplicativos de geolocalização**. Maceió: Edufal, 2024. p. 83-95.

SOUSA, A. F. L. de; OLIVEIRA, L. B. de; QUEIROZ, A. A. F. L. N.; CARVALHO, H. E. F. de; SCHNEIDER, G.; CAMARGO, E. L. S.; ARAÚJO, T. M. E. de; BRIGNOL, S.; MENDES, I. A. C.; FRONTEIRA, I.; MCFARLAND, W. Casual Sex among Men Who Have Sex with Men (MSM) during the Period of Sheltering in Place to Prevent the Spread of COVID-19. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, [s. l.], v. 18, n. 6, p. 3266, 2021.

SOUSA, Á. F. L. D.; QUEIROZ, A. A. F. L. N.; LIMA, S. V. M. A.; ALMEIDA, P. D.; OLIVEIRA, L. B. D.; CHONE, J. S.; ARAÚJO, T. M. E.; BRIGNOL, S. M. S.; SOUSA, A. R. D.; MENDES, I. A. C.; DIAS, S.; FRONTEIRA, I. Prática de chemsex entre homens que fazem sexo com homens (HSH) durante período de isolamento social por COVID-19: pesquisa online multicêntrica. **Cadernos de Saúde Pública**, [s. l.], v. 36, n. 12, p. e00202420, 2020.

TERRA, M. F.; ARAÚJO, H. M. S. Diálogo e participação: experiência na construção do conhecimento com mulheres em situação de violência. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, p. e55894-16, 2025.

TOLDO, C.; COSTELLA, R. A língua como interpretante da linguagem não verbal da era digital: o signo emoji. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 22, n. 1, p. 72-90, 2021.

VEIGA, L. As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. **Tabuleiro de Letras**, [s. l.], v. 12, n. 1, p. 77-88, 2018.

VIEIRA, J. G. S. **Metodologia de pesquisa científica na prática**. Lapa, PR: Editora Fael, 2010.

Emojis, sexual practices, and vulnerabilities: an analysis of interactions on Grindr among MSM in Northeast Brazil

Abstract: Since its creation in 2009, the virtual environment of Grindr has proven to be a fertile space for the study of social interactions among the LGBTQIAPN+ community, especially among gay, bisexual, and other men who have sex with men (MSM). This study analyses the use of emojis in these users' interactions, with the aim of understanding how these representations communicate and shape sexual and care practices. Data collection was carried out through an online discussion group with six users, recruited using snowball sampling. The data were transcribed and analysed with the assistance of the Iramuteq software, resulting in a textual corpus that revealed key themes regarding sexual positions, gender expressions, sexual practices, substance use, and ethno-racial exclusion. The findings indicate that, although the app presents itself as a safe space, many users report experiences marked by racism, hostility, and exclusion. The analysis demonstrated that emojis, beyond their communicative function, also operate as devices of power, condensing discourses and social practices that delineate who is accepted and who is excluded. In conclusion, the study highlights that the separation between real and virtual spheres is illusory, revealing how online experiences are shaped by social processes already present in everyday life. Finally, the study reinforces the urgency of rethinking online interactions and developing public policies and sexual health and care strategies that take intersectionalities into account.

Keywords: MSM. Grindr. Emojis. Sexual health. Intersectionality.

Recebido: 02/03/2025
Aceito: 22/07/2025